

A BELEZA DO CORPO DA MULHER COMO ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO

Uma leitura sociológica de Judite 16,1-17

*Bacharela em teologia pelo
ITESP.

Maria Zoleide Scariot*

Resumo:

A a. apresenta a síntese da leitura de parte do livro de Judite (16,1-17) tendo como ponto de partida uma das estratégias femininas — a beleza do corpo — na busca da superação da opressão: o controle do próprio corpo como campo de resistência. Para tanto, a a. elabora um pequeno esboço do momento histórico em que o Cântico teria sido elaborado e desenvolve em seguida a estrutura do próprio texto buscando revelar com isto a tomada de consciência de sua situação da parte dos oprimidos — camponeses e pobres — e os recursos singulares assumidos por Deus para libertá-los. Algumas conclusões em termos de inspiração para o cotidiano contemporâneo são oferecidas.

Chaves:

Judite, Cântico de; Bíblia: mulher; Bíblia: corpo feminino; Corpo: Beleza.

1. O LIVRO DE JUDITE

Dia a dia, nós mulheres estamos conquistando nosso espaço na sociedade, na Igreja, na família. Porém, ainda há um longo caminho a ser trilhado. O sistema androcêntrico e patriarcal continua presente, oprimindo mulheres e homens. Nesse contexto, a leitura do Cântico de Judite (16,1-17) lança algumas luzes para a nossa caminhada. É o grito dos pobres. Uma contestação à lei do puro e do impuro, um sistema que controlava

o corpo dos pobres, de maneira especial o corpo da mulher. O cântico de Judite apresenta o corpo da mulher como instrumento de libertação dos pobres e oprimidos¹.

É possível que a redação final do livro de Judite seja do grupo dos piedosos, dos homens de Israel, fiéis guardiões da Tradição judaica. Esse grupo se apropriou de alguns textos populares com o objetivo de encorajar os judeus em sua resistência política e religiosa contra os asmoneus e contra os gregos. No livro de Judite, há algumas perícopes de origem popular, que defendem o povo pobre. Entre elas está o cântico de Judite (16,1-17).

Esse cântico pode ter sido escrito no tempo dos macabeus. Nesse período, na sociedade, encontramos os seguintes grupos: o sumo sacerdote e o conselho dos anciãos (Jt 4,8; 8,10; 15,8); os tementes a Deus ou piedosos (Jt 8,8), forma grecizada de *asidaeus* (1Mc 2,42-44); os sacerdotes, escribas e leigos nacionalistas — grupo remanescente do tempo de Esdras e Neemias, homens apegados à Lei e ao Templo; e o povo pobre, o povo das aldeias e do campo — *meus humildes e fracos* (Jt 16,11).

2. REVENDO A HISTÓRIA...²

Uma visão do contexto histórico, desde a dominação dos gregos (333 a.C.) até o período dos macabeus (167 a.C.), dá-nos uma chave para entender o livro de Judite. A dominação grega foi uma das mais repressivas na história de Israel. Alexandre Magno conquistou o Oriente em 333 a.C., morreu dez anos depois sem deixar descendente. Após sua morte, os generais começaram a lutar pelo trono. Uma guerra civil que durou 20 anos. Em 301 a.C., o Império foi dividido: o general Ptolomeu Lágida conseguiu garantir o seu domínio sobre o Egito e a Palestina, com a capital em Alexandria (321-198 a.C.). O general Selêuco ficou com a Ásia Menor e a Babilônia, com a capital em Antioquia.

Os Ptolomeus do Egito passaram a governar a Judéia. Eles possibilitaram aos judeus viverem de acordo com as suas leis. Em 198 a.C., Antíoco III, rei selêucida guerreou contra os Ptolomeus. Os Selêucidas venceram e Antíoco III passou a governar a Judéia, com a capital em Antioquia. Os novos governantes impuseram uma política helenista: o modo de produção escravagista. Esse sistema trouxe consigo maior tributação, exploração e um crescente empobrecimento dos camponeses.

Em 189 a.C., Antíoco III foi derrotado por Roma, em Magnésia de Silipo. Ele assinou um tratado de Paz com as seguintes exigências dos romanos: levar Antíoco IV como refém e o pa-

¹ Este texto é uma síntese da monografia: *A Beleza do corpo da mulher como espaço de libertação: uma leitura sociológica de Judite 16,1-7*. O texto integral encontra-se no ITESP — Instituto Teológico São Paulo.

² A parte histórica está fundamentada em N. GOTTWALD, *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo, Paulinas, 1988; H. G. KIPPENBERG, *Religião e formação de classes na Antiga Judéia*. São Paulo, Paulus, 1994; J. PIXLEY, *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis, Vozes, 1989.

gamento de uma alta indenização. Por isso, Antíoco III começou a saquear os templos na Palestina e na Babilônia. Num desses saques ele foi morto e seu filho continuou a mesma política, chegando a saquear o Templo de Jerusalém. Outra estratégia dos reis selêucidas para conseguir dinheiro da população foi a implantação sistemática da política de helenização. Esta política foi intensificada quando subiu ao trono o rei Antíoco IV Epífanes (175-164 a.C.). Com este rei, os judeus perderam seus privilégios. Jerusalém foi transformada numa *pólis*. Os gregos construíram a *Acra*, uma cidadela com tropa grega e mercadores.

Em 167 a.C. Antíoco IV colocou no Templo de Jerusalém a estátua de Zeus Olímpico, a principal divindade grega (1Mc 1,54; Dn 9,27). Os gregos implantaram o sistema escravagista. A terra não era mais propriedade da família, mas pertencia a grandes proprietários. Os camponeses se tornaram escravos, simples meio de produção. A vida passou a ter o seu centro, não mais a casa, a aldeia, mas a cidade, onde vigorava o comércio e a lei do lucro.

O saque ao Templo, a construção da cidadela, a implantação do culto grego atingiu a vida dos sacerdotes e dos piedosos, tanto da cidade como do interior. Em 167 a.C. explodiu a revolta das aldeias ou a revolta dos Macabeus, uma família sacerdotal do interior. Eles convenceram os piedosos e os camponeses a lutarem contra os gregos. Os macabeus aliaram-se aos romanos (1Mc 8) e venceram os selêucidas.

O Templo foi reconquistado e purificado (1Mc 13,51). Em 141 a.C., a cidadela, foi destruída. Esse fato marcou o fim da ocupação Selêucida. Os Macabeus fundaram a Dinastia dos Asmoneus. Eles implantaram um governo judaizante, seguindo o mesmo modelo dos dominadores gregos. O grupo dos saduceus, formado por anciãos e sacerdotes — comerciantes e latifundiários — apoiava os asmoneus. Os saduceus eram responsáveis pelo Templo e o Sinédrio.

Em 152 a.C., quando Jônatas assumiu o cargo de sumo sacerdote, surgiram dois novos partidos dentro do grupo dos piedosos. Uma parte, constituída de sacerdotes fiéis à tradicional família do sumo sacerdote — família sadoquita — se isolou de tudo, criando no deserto da Judéia o movimento dos essênios. A maior parte ficou em Jerusalém e nos seus arredores, formando o partido dos fariseus: leigos de variadas profissões, como artesãos, comerciantes e lavradores.

No período dos asmoneus (167 a 63 a.C.) nasce o livro de Judite, um livro de resistência. O povo pobre, das aldeias e dos campos, lutava por questão de sobrevivência, para livrar-se dos altos tributos exigidos pelas elites governantes. Ao longo dos

anos, o povo viveu uma dupla opressão: uma, imposta pelo Império Grego, e a outra, pelo Templo, justificada pela Teologia da Retribuição. É, nesse contexto, que ecoa o grito dos pobres, presente em alguns textos do livro de Judite, entre eles o texto de 16,1-17.

3. ESTRUTURA DO TEXTO

O Cântico de Judite apresenta a seguinte estrutura: Judite entoou um cântico (v. 1) e apresenta os motivos de louvor (v. 2). No v.13 ela novamente repete o mesmo gesto (vv. 14-16). O primeiro cântico de louvor (vv. 1-2) abre a unidade. O segundo cântico (vv. 13-16) é um novo convite ao louvor. Nesse texto há o confronto entre a falsa força dos poderosos (vv. 3-4) versus a verdadeira força de Deus, através dos humildes e pequenos (vv. 11-12). O centro desta estrutura está nos versículos 5 a 10. Esta parte da perícopes identifica a fragilidade do corpo da mulher, com suas características de enfeite, beleza, capacidade de sedução como espaço da ação forte da mão de Deus.

Estrutura do Cântico:

A. 1-2: Entoai um *cântico a meu Deus com tímpanos...*

B. 3-4: A falsa força dos poderosos

C. 5-10: O corpo da mulher como mão forte de Javé.

B'. 11-12: A verdadeira força dos fracos e humildes

A'. 13-16 (17): Cantarei ao meu *Deus um cântico novo*

Judite convida a todos para participarem do louvor (v. 1). Ela enumera os instrumentos musicais que devem ser usados para cantar, louvar e celebrar as maravilhas de Deus (Sl 105; 150; 135; 149...). O verdadeiro Deus não está enclausurado no espaço sagrado, o *Santo dos Santos*, ocupado somente pelo sumo sacerdote, mas está entre o seu povo (v. 2), libertando-o das garras de seus opressores.

Olhando para a história de Israel, constatamos que o projeto dos gregos (vv. 3-4) era baseado em atos desumanos como fazer guerras, incendiar o país, exterminar jovens e crianças raptar e violentar as virgens (Jt 16,4; cf. Sl 137,9; Os 14,1; Is 13,16; Na 3,10). A Assíria é representada pelo Império Grego, especialmente na pessoa de Antíoco IV Epífanes.

No v. 5 entra em cena o Senhor Todo-poderoso em confronto com o poder imperial. A força de Deus está no corpo da mulher, no corpo daqueles que fadigam, que são oprimidos e humilhados em Israel, mediação pela qual Deus realiza o seu projeto de libertação.

Nos versículos 6 ao 9 o ponto central é a descrição da beleza física e da expressão feminina de Judite. Esta mulher *despo-*

jou-se de suas vestes de viúvas. Ela, como Tamar (Gn 38,14), infringe a lei de viuvez em favor da vida (10,3; 16,7). Tamar o faz para manter a descendência e Judite para defender o seu povo. Em ambas, o compromisso com a vida é mais forte do que a Lei, o que não passaria pela cabeça dos piedosos, muito menos por sua prática. A presença bela e sutil de Judite (16,4.7-8), tornou-se a sua principal arma e se revelou eficaz, levando-a até o ponto nevrálgico do inimigo.

Judite é uma mulher viúva. Em Israel, a viúva sempre foi considerada como fraca e marginalizada, incapaz de se manter e reivindicar seus próprios direitos, especialmente quando a mulher não tinha filhos, como no caso de Judite (Jó 24,3.21; Ez 22,7; Sl 94,6). Conforme a legislação do Deuteronômio, a viúva pertencia a mesma categoria do órfão, do estrangeiro (Dt 24,21).

Do versículo 5 ao 10 o povo em coro prossegue o hino. Esses versículos fazem parte do centro da estrutura da perícopes. O corpo da mulher como mão de Deus no processo histórico de libertação. Em Judite temos o corpo da mulher, sua feminilidade usada em favor da vida dos pobres e dos pequenos (16,4.11).

O v. 11 inicia com uma cláusula introdutória: Então *meus humildes gritaram*, expressão que evidencia a força de Deus agindo na história através dos humildes e fracos (cf. Sf 2,3). A verdadeira força não está na quantidade (cf. 1Sm 14,6; 1 Mc 3,18; Sl 33,16-19; Jz 7,4-7), nem na autoridade dos violentos (Jt 9,11), mas no *Deus dos fracos e pequenos*.

No v. 13 Judite canta um novo cântico de louvor a Deus. Neste cântico está expresso a consciência de que a vitória do povo de Israel é obra de Deus. Só Ele pode fazer algo novo (Sl 33,3; 40,4; 96,1; 98,1; 144,9; 149,1; Ap 5,9; 14,3). O novo diz respeito à salvação definitiva. Judite provoca um novo êxodo, um novo cântico (vv. 13-14). Um cântico que brota de todo o seu ser, do cotidiano das mulheres no contexto histórico de Israel no pós-exílio.

O eixo central do Cântico de Judite (Jt 16,1-17) está na fragilidade do corpo da mulher como força de Deus na libertação dos pequenos e humildes. A perícopes identifica o corpo da mulher como meio de resistência contra o sistema opressor. Os gregos, os judeus helenizados e os piedosos tentam idealizar o corpo da mulher com ornamentos. Os judeus helenizados e os piedosos acrescentam ainda a lei do puro e impuro. No entanto, para o povo pobre, que está por trás do Cântico de Judite, o corpo da mulher é uma grande arma de libertação.

4. OPRESSÃO E RESISTÊNCIA DAS MULHERES

O Cântico de Judite qualifica o corpo da mulher com as palavras: *beleza* (v. 6) e *rosto* (v. 6.7), onde se manifesta a mão forte de Javé. O corpo da mulher, provavelmente, foi colocado pela camada popular, como contestação contra a lei do puro e impuro e como instrumento de libertação do povo pobre e oprimido. Judite traz, como personagem central, uma mulher viúva e sem filhos (16,7). Na sociedade israelita, uma mulher nessas condições era sinônimo de fraqueza, exclusão e incapacidade de manter e reivindicar os próprios direitos.

O período grego (333 – 167 a.C.), caracterizado pelo modo de produção escravagista, prejudicou sobretudo os camponeses. Eles perderam suas terras, casas e sua própria liberdade. O sistema se apropriava do útero das mulheres como se fosse máquinas reprodutoras do Estado. Tanto na cultura grega, como na cultura patriarcal, com a lei do puro e do impuro, o controle do corpo da mulher visava garantir a reprodução, o prazer sexual, a manipulação da força de trabalho, de modo a garantir a continuidade e a perpetuação do sistema social vigente.³

Nesse contexto, onde a mulher era considerada como um ser inferior, explode um grito de protesto: o Cântico de Judite. Uma exaltação da beleza do corpo feminino como instrumento de resistência no processo de libertação. Esse grito de resistência e de valorização da mulher cresceu num período de grande marginalização sexista. Como no livro de Judite, podemos ouvir este mesmo clamor nos livros de Jó, Rute, Cântico dos Cânticos, Judite e outros livros da Bíblia que descrevem a resistência dos pequenos e fracos. Estes livros formam um conjunto contrário à Teologia da Retribuição e a dominação dos impérios.

O livro do Cântico dos Cânticos, ao valorizar o corpo da mulher, nos dá elementos para entender a proposta do Cântico de Judite. O Cântico dos Cânticos é uma resistência à ideologia sacerdotal, nega a sua visão legalista e faz irromper a linguagem do amor e da sedução que afirma o corpo como fonte de prazer e espaço de criatividade, do lúdico e da festa.⁴ Com certa insistência e repetição, descreve e exalta a beleza da mulher, do seu corpo e do seu amor (cf. Ct 1,9-10.15; 4,1-7.10-14; 6,4-10; 7,2-10). É um livro que guarda a memória de mulheres camponesas que lutam pela vida, pela comida, pela bebida e pela dignidade.

A teologia do Cântico de Judite fala de Deus a partir de outro lugar teológico — *o corpo da mulher*, com sua beleza e sedução, é mão forte de Deus na ação libertadora (16,5). Judite simboliza a luta, a vida, a sobrevivência de pequenos grupos, ameaçados de extermínio. Este cântico ressalta a figura de

3 Cf. L. M. CAIXETA. *Ética da corporeidade na perspectiva das relações sociais de gênero*, p. 37.

4 Cf. N. C. PEREIRA, o. cit., p. 52.

Iahweh, o Deus libertador, propõe a construção de uma nova imagem libertadora de Deus que dá lugar à experiência humana completa, na qual se abandona a exclusividade do modo de pensar em Deus apenas como Pai e criam-se condições para construir uma imagem de *Deus-Mãe*⁵ através da mediação do corpo da mulher. Judite é apresentada como mãe do povo: *...meus jovens, meus pequeninos, meus filhinhos, minhas virgens...* (16,4), *...meus humildes, meus debilitados* (16,11). É uma maneira de retomar a teologia de Oséias, onde Deus é a mãe, que ama, educa, ensina e conduz Israel (cf. Os 11,1-4).

Judite é mãe que defende a vida, luta contra o mal e fortalece o seu povo: os adolescentes, os recém-nascidos, as crianças, as garotas, as mães (16,4). A vida que Judite gera, opera transformação: oprimidos e esquecidos se levantam, lutam e derrotam os inimigos que ameaçam suas vidas (16,11-12). A mãe que quer o seu povo feliz, pleno de vida, quer também a *ressurreição* dos corpos desfalecidos. Judite luta não em favor do Templo, ou leis abstratas, mas em favor da vida do seu povo.

5. RESISTIR, UM APELO DO COTIDIANO

Os sinais de resistência que aparecem nos livros de Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Judite e outros, também estão presentes na vida cotidiana das mulheres de hoje... É a força da vida que fez e faz homens e mulheres resistirem e lutarem por seus direitos.

A sabedoria e a beleza foram os recursos de Judite na luta em favor da vida do seu povo. As mulheres de hoje continuam lutando por uma vida melhor para si e para seus filhos... Hoje, nas fábricas, no comércio, no campo, na cidade, na política, na educação, formal e informal, as mulheres têm como recurso sua força de trabalho, sua competência, uma incrível garra, capaz de enfrentar toda espécie de preconceitos.

A mulher, em todos os tempos, é símbolo de luta, de vida, de resistência contra os mecanismos de opressão. No caminho que percorremos até aqui, vimos que, em Judite, a beleza do corpo da mulher é colocada como contestação contra os gregos e contra a religião oficial que mantinha os corpos dos pobres sob controle, justificado pela lei do puro e impuro.

Nesses últimos anos, muitas mulheres arriscaram e perderam suas vidas a salvar ou melhorar a vida de seus filhos, de sua comunidade e do povo em geral. Há tantas *judites* guerreiras!!! Mulheres dispostas para ajudar nos movimentos de reivindicação. Sempre prontas para dizer uma palavra certa na hora certa, lutando por condições dignas de vida. A capacidade de

luta e defesa da vida, da terra, da sobrevivência da família, do direito à vida e à dignidade, constituem condições permanentes do cotidiano das mulheres.

Nós, mulheres estamos, cada vez mais, redescobrimo o nosso valor e a nossa dignidade como filhas de Deus, lutando por direitos e deveres iguais; vencendo os preconceitos contra a submissão que nos foi transmitida desde criança e reforçada pela mentalidade religiosa e cultural. Nós, mulheres, estamos ocupando espaços significativos na família, na Igreja, na escola, no trabalho etc. Nossa função é manter a esperança e a utopia em meio às ameaças de morte e de opressão.

É preciso somar nossas esperanças e não desanimar, pois podemos constatar claramente muitas manifestações do Deus da vida despertando mulheres e homens para forjarem um novo jeito de ser, uma nova maneira de experimentar o sagrado no cotidiano e integrá-lo dentro da grande corrente da vida.

BIBLIOGRAFIA

- CAIXETA, L. M., *Ética da corporeidade na perspectiva das relações sociais de gênero*, Tese de mestrado (Faculdade Nossa Senhora da Assunção), São Paulo, 1994.
- GOTTWALD, N. K., *Introdução socioliterária à bíblia hebraica*, São Paulo, Paulinas, 1988.
- KIPPENBERG, H. G., *Religião e a formação de classes na antiga judéia*. São Paulo, Paulinas, 1988.
- PEREIRA, N. C., Ah!... Amor em delícia. Em RIBLA, 1993, 15, pp. 47-59.
- PIXLEY, J., *A história de Israel a partir do pobre*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- UBIETA, C. B., Bíblia y feminismo. Em ESTUDOS BÍBLICOS, 1988, 46.